

1. A transição do século XVIII para o XIX

Mundo tradicional	×	Mundo capitalista
↓		↓
o indivíduo não existe isolado, ele é o papel que ocupa no todo social.		o indivíduo com existência isolada, válido por si só, em guerra com e no mundo, buscando criar o seu espaço.

Para entendermos esta dicotomia – que é obviamente uma simplificação – é interessante o conceito de “dupla revolução” apresentado por Hobsbawm

E tanto a Grã-Bretanha quanto o mundo sabiam que a revolução industrial lançada nestas ilhas não só pelos comerciantes e empresários como através deles, cuja única lei era comprar no mercado mais barato e vender sem restrição no mais caro, estava transformando o mundo. Nada poderia detê-la. Os deuses e os reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente.

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas ideias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem-se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes, e a política europeia (ou mesmo mundial) entre 1789 e 1917 foi em grande parte a luta a favor e contra os princípios de 1789, ou os ainda mais incendiários de 1793. A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical democrática para a maior parte do mundo. A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa. Esta foi a obra da Revolução Francesa

As estradas de ferro e o progresso

Nenhuma outra inovação da revolução industrial incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular. Mal tinham as ferrovias provado ser tecnicamente viáveis e lucrativas na Inglaterra (por volta de 1825-30) e planos para sua construção já eram feitos na maioria dos países do mundo ocidental, embora sua execução fosse geralmente retardada. As primeiras pequenas linhas foram abertas nos EUA em 1827, na França em 1828 e 1835, na Alemanha e na Bélgica em 1835 e até na Rússia em 1837. Indubitavelmente, a razão é que nenhuma outra invenção revelava para o leigo de forma tão cabal o poder e a velocidade da nova era; a revelação fez-se ainda mais surpreendente pela incomparável maturidade técnica mesmo das primeiras ferrovias. (Velocidades de até 60 milhas - 96 quilômetros - por hora, por exemplo, eram perfeitamente

praticáveis na década de 1830, e não foram substancialmente melhoradas pelas posteriores ferrovias a vapor.) A estrada de ferro, arrastando sua enorme serpente emplumada de fumaça, à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que fazia as pirâmides do Egito e os aquedutos romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo, era o próprio símbolo do triunfo do homem pela tecnologia.

A fixidez do mundo anterior

O mundo em 1789 era (...) para a maioria dos seus habitantes, incalculavelmente grande. A maioria deles, a não ser que fossem arrancados da sua terrinha por algum terrível acontecimento, como o recrutamento militar, viviam e morriam no distrito ou mesmo na paróquia onde nasceram: ainda em 1861, mais de nove em cada dez habitantes de 70 dos 90 departamentos franceses moravam no departamento onde nasceram. O resto do mundo era assunto dos agentes governamentais e dos boatos. Não havia jornais, exceto os pouquíssimos periódicos das classes média e alta - ainda em 1814 era de apenas 5 mil exemplares a circulação de um jornal francês -, e de qualquer forma muito pouca gente sabia ler. As notícias chegavam à maioria das pessoas através dos viajantes e do setor móvel da população: mercadores e mascates, artesãos itinerantes, trabalhadores de temporada, grande e confusa população de andarilhos que ia desde frades ou peregrinos até contrabandistas, ladrões e o populacho; e, é claro, através dos soldados que caíam sobre o povo durante as guerras e o aquartelavam nos períodos de paz.

O longo século XIX: da dupla revolução à primeira grande guerra.

A Inglaterra e a França no longo século XIX

Inglaterra

Principais revoluções (século XVII)

Guerra civil: Começou em 1642 e acabou com a condenação à morte de Carlos I em 1649. A principal figura foi Cromwell

Revolução gloriosa de 1688-89: Tira Jaime II, católico, do poder. Assumem Guilherme de Orange (Guilherme III) e sua esposa Maria II, filha de Jaime II, ambos protestantes. É aprovado o *Bill of Rights*, que obriga o rei a obedecer ao Parlamento.

Século XIX

Início tumultuado em termos dinásticos – Jorge III foi afastado do poder por estar louco, substituído por seu filho, Jorge IV, que morreu sem descendência, e por seu irmão, Guilherme IV, com quem ocorreu o mesmo, passando o trono a sua sobrinha, Vitória, que reinou de 1837 até 1901.

França

França

Revolução Francesa – 1789

Teve algumas etapas. De início foi proclamada uma monarquia parlamentar. A tentativa, fracassada, de fuga de Luís XVI, em 1791, e a declaração de guerra pelos reinos conservadores

(apoiados pela Inglaterra) em 1792 levaram a um aprofundamento da revolução. Ocorreu a fase do terror (93-94), seguida, já em sentido contrário, pelo Diretório (1795-9)

Era Napoleônica (1799-1815)

Consulado (1799-1804)

Império (1804-1814)

Cem dias 1815

Restauração (1815-1830)

1815 a 1824 – Luís XVIII (Câmara dos pares, Câmara dos Deputados com voto censitário)

1824 a 1830 – Carlos X

Governo de Luís Felipe (1830-1848) – o rei burguês

Segunda República (1848-1852)

Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão, foi eleito presidente. Em 51 deu um golpe, e por um plebiscito, transformou-se em imperador: Napoleão III

Machado de Assis, *Quincas Borba*

O barbeiro relanceou os olhos pelo gabinete, onde fazia principal figura a secretária, e sobre ela os dois bustos de Napoleão e Luís Napoleão. Relativamente a este último, havia, ainda, pendentas da parede, uma gravura ou litografia representando a Batalha de Solferino, e um retrato da imperatriz Eugênia.

Rubião tinha nos pés um par de chinelas de damasco, bordadas a ouro; na cabeça, um gorro com borla de seda preta. Na boca, um riso azul-claro.

Segundo Império (1852-1870)

Reurbanização de Paris por Haussmann

Em 1870 perde a guerra para a Prússia, batalha de Sedan – Falar da cena de

A Besta Humana de Emile Zola

Em Ruão, devia-se tomar água; e o pavor gelou a estação, quando viu passar, numa vertigem de fumo e de chamas, aquele comboio doido, aquela máquina sem maquinista nem fogueiro, vagões de gado cheios de tropa que uivavam canções patrióticas. Iam para a guerra, era para chegarem mais depressa à beira do Reno. (...) Engolfara-se nos dois túneis que ficam próximos de Ruão, chegava com o seu galope furioso, com uma força prodigiosa e irresistível, que nada podia deter.

(...)

Que importavam as vítimas que a máquina esmagava no caminho! Não ia ela também para o futuro, indiferente ao sangue derramado? Sem condutor no meio das trevas, fera cega e surda, indômita, rodava, rodava atulhada dessa carne para canhão, desses soldados já estupificados de fadiga e embriagados, que cantavam.

Terceira República (1870-1940) [Comuna de Paris: março-maio 1871]
